

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Carta aos generais portugueses ácerca dos seus camaradas espanhóis

O tilintar das espadas espanholas — Onde está quem imite o gesto? — As razões para a rebeldia — Um programa de salvação — Um cabo basta...

Ignoro se o acto de Primo de Rivera despertou em v. ex.^{as} sentimento de o imitar. Aquele programa não é para copiar em toda a extensão — cada país carece de aplicar formulas diferentes como para as diversas doenças ha remedios proprios — mas existem nele duas cousas encantadoras. «Barateamento do pão, da carne e de todos os outros generos de primeira necessidade.

«Que se declare a justiça completamente independente da politica que será exercida nos tribunais militares e civis por juizes desapaixonados».

Com alguma cousa no estomago, por preços de boa paz e a certeza de que não somos perseguidos, vive-se: mais ainda, dá até vontade de viver. Um povo, nestes termos, é feliz e, sendo-o, tem a garantia da tranquillidade.

E' possivel que o general espanhol não faça cousa alguma e que do seu movimento apenas resulte um tilintar de espadas, é crível que, dentro em pouco, os politicos o asfixiem com suas clientelas e, em vez de paradar sobre um cavallo na Puerta del Sol, tenha uma morada obrigatoria em Fernando Pó, porem a intenção ressalva-se e não se póde dizer que um militar não tentou meter na ordem alguns chefes de partido.

Pois bem: é desse mesmo trabalho que algum de v. ex.^{as} se devia

incumbir. Claro que não se exige um Monk, tampouco um Gallifet, ainda menos um Prim; não é mesmo um Saldanha que se reclama. Basta um desses, a um tempo rudes e bem intencionados, generais de ha alguns anos que tinham no olhar uma constante scentelha de austeridade para se fazerem obedecer e em cujas pestanas se suspendiam, ás escondidas, algumas lagrimas, depois de terem cumprido o seu dever.

E' que Portugal — excellentissimos senhores — está carecido de um Homem, já não digo nas proporções dos seus desastres, mas na boa esperança de o tentar salvar. O país aplaudiria não um caserheiro brutal que tentasse esmagar conquistas de humildes mas que fazendo da sua espada o fiel da balança da justiça deportasse os bandidos que em nome do partidilismo nos sugam e até assassinam, arredasse os politicos seus padrinhos, exigisse dos grandes uma mais equitativa distribuição das suas atenções e dos pequenos algum esforço mais na produção remunerada; que olhasse para os terrenos incultos e os desse a quem os cultivasse, após os avisos a quem os despresa, isto com os toques da ordenança. Seria preciso que esse homem olhasse um pouco para o passado e mandasse inquerir dos lucros fabulosos de certos individuos amesendados na moagem, nas companhias, nos negocios pingues e assim como em Espanha se vão julgar os ministros culpados se exigisse um tribunal permanente, dentro duma fortaleza, para sentenciar os defraudadores do povo e os ministros seus cúmplices.

Se esse chefe, esse general apparecesse, embora com o exercito desfalecido que existe entre nós, uma tempera nova surgiria com ele, uma galvanisação passaria e o povo sentiria que não se prejudicavam as suas regalias, antes se lhe modificava, para melhor, a sua maneira de se viver; os homens honestos aplaudi-lo-hiam cada vez que vissem um ladrão na cadeia, sobretudo, se descesse dum automovel de luxo; o país rejubilaria e com uma produção maior, mais trigo cultivado, uma fiscalisação nos negocios, um apêlo aos bons cidadãos, uma derrota nos exploradores, ficar-se-hia em transe de realizar a obra definitiva.

Em bem pouco consiste essa obra. Sei bem — senhores generais — que estamos num país de imitadores e que alguns de v. ex.^{as} — já se vê theoreticamente — sonham a esta hora com os *somáaten* como hontem visionaram o *fascismo*. Já se vê, repito, na paz dos seus gabinetes, tudo como num alto ponto de exercicios de exame na Carregueira. Não é, porém, disso que se precisa. Se algum de v. ex.^{as} — não sei quem, nem me importa — tentar o passo facilimo, o programa não póde vir de fóra.

Voltariam, v. ex.^{as}, a uma instuição nacional, a uma semelhança de municipalismo, isto é, de deixar cada edilidade governar o seu limitado povo de fóрма a contental-o, visto conhecer melhor as suas necessidades do que esses governos centrais compostos de adventicios ambiciosos, sem educação politica e administrativa, espertalhões de *choça* ou de

parlamento que se alcandoram, se enchem, se celebrisam e nos massam.

Sim, digam v. ex.^{as} se não é preferivel um pequeno mas sensato homem, dentro do seu burgo, presidindo a um municipio de cidadãos amigos da sua terra, a esses falados politicos, a esses esplendorosos chefes de *clan*, que ninguem sabe onde aprenderam a arte de nos governar e se chamam — vá lá ao acaso mas quaesquer servem — Antonio Maria da Silva, José Domingos — ou Domingues — nunca o soube — dos Santos, Victorino Guimarães ou Godinho — nunca os differencei — Aboim Inglez e semelhantes?! Então não é uma obra de misericordia livrarem-nos de semelhantes salvadores nacionaes, entregando cada terrasinha deste Portugal, tão susceptivel da acalmia, àqueles que a lavram, a semeiam, a industrialisam, a engrandecem com seus arados, suas maquinas, suas ideias, suas penas? Conhecendo as necessidades duma vila é mais facil satisfaze-las do que ignorando tudo e dirigindo um país. Dessas vilas se forma a nação e governada assim ela pôderia ser venturosa. Os municipios escolheriam os cidadãos destinados à representação nacional. Poderiam não aparecer aqueles luminares mas, com certeza, sentar-se-lam nas cadeiras, que teem estragado com o roçar dos seus traseiros, pessoas que saberiam corresponder às aspirações colectivas. Falariam alguns melhor, outros peor, mas no actual parlamento grasna-se, late-se, por vezes mia-se. Deste municipalismo — a grande base nacional — renasceria a nação e os individuos mais aptos seriam os eleitos, os escolhidos, por seus concidadãos.

E' esta — ilustrissimos senhores generais — a unica maneira de liquidar os politicos de profissão. E' esta a forma mais rapida e a menos dolorosa. A outra — excelentissimos cabos de guerra — é fuzilá-los. Isso, porem, não lhes aconselho. Conheço em demasia, a sensibilidade deste povo. Chora-los-ia para os esquecer ao fim dalgumas horas. Chora-los era absolve-los e essa má raça não tem perdão possivel, sobretudo desde que se fez de gorra com a plutocracia, sua socia.

Sei que estou dizendo a v. ex.^{as} cousas que nunca ouviram. Os generais portugueses teem mais sciencia da vida banal do quartel, das folhas dos *prets*, do rancho e do jogo das damas que propriamente destas noções vagas do direito dos povos mas aprende-se, com facilidade, o que se quer e a qualquer de v. ex.^{as} — escolhidos para comandar tropas — não se pede senão que as faça saír dos quartéis, com ordem, unidade, disciplina. O resto é para depois; o povo ajuda-lo-ha a governar desde que sinta a justiça a executar-se. E a justiça — meu general — disposta a agir — é tudo quanto aqui lhe deixo expresso como um esboço tenue duma finalidade digna.

E' crível, porem, que nenhum de v. ex.^{as} se tenha importado muito com o gesto de Primo de Rivera. Outras preocupações maiores — a falta de dinheiro, os calos, uma partida do impedido — os punja, talvez, neste

instante em que os convido a meditarem um nadinha na situação do seu país; se assim é, só peço desculpa de os ter incomodado e muito agradecido lhes fico se não pedirem que os amarrem — como já succedeu a certo major — quando alguém, vindo da rua ou mesmo do seio da tropa, das classes inferiores, embora, vá ocupar os logares que lhes competia para esta liquidação de tantos crimes.

Sim; não extranhem se um dia saltarem por cima de v. ex.^{as} aqueles que só desejariam obedecer-lhes. A vida é hoje, mais do que nunca, feita duma submissão de instantes que pode durar seculos se fôr aproveitada ou duma revolta tão rapida que nem é possivel segui-la com o pensamento em seu rolar.

Deixo-lhes a escolha. Ou desembainharem as espadas ou sentirem que lhas quebram.

Se o acto do general hespanhol não os desencanta dos seus sonhos bonzicos outros virão substituir v. ex.^{as}; e eles, certamente, não se demorarão porque sem generais passa-se mas sem Justiça e sem Pão barato é impossivel existir e é esse o estado presente da sociedade portuguesa.

E depois, ex.^{mos} senhores, Mussoliani, cujo nome enche o mundo, nunca passou, nos *bersaglieri*, dum simples cabo de esquadra.

As balas do funcionario

O uso e o abuso da pistola — O tiroto obrigatorio — Como o lisboeta usa armas de fogo —
Do batalhão carnavalesco ao batalhão politico
— A successão dos crimes

Sempre que a justiça vive sob a pressão aterradora, a criminalidade augmenta e em Portugal é assim que ela existe e ainda por cima falha de prestigio.

São constantes os crimes; o assassinio entrou nos costumes. A menor contrariedade cria ansias de matar. Começou nas ruas, em nome da politica, chegou ás proprias repartições publicas, perante as mais leves zangas. Já de ha muito entrou nos quartéis, pelo mesmo processo, mas homens que pegam em armas estão sempre mais proximos de matar do que vulgares amanuenses. Por exemplo, a um cortador, a um magarefe, habituados á agonia das rezas, é mais facil cometer um assassinio do que ao vulgar ser, prompto a atrapalhar-se ao vêr escorrer sangue do nariz.

Mas em Portugal, hoje, toda a gente usa a sua pistola e a sua condecoração. E' uma endemia que começou nos clubs politicos e contaminou o resto dos portuguezes. O nacional é muito de imitações. Houve, em tempo, a furia dos amadores dramaticos. Creou-se um club em cada bairro e os autores da tragedia rugiam improperios, erguiam punhaes e acabavam, tranquilamente, tomando o seu chá e as suas torradas, discutindo as palmas ouvidas, tudo na maior das inconsciencias. A classe media divertia-se assim. O povo aglomerava-se nas filarmônicas. Um tempo mais belicoso succedeu a este: o dos batalhões carnavalescos. Ajuda formou o seu, com uniformes fantasticos, vassouras fingindo de espingardas, homens, montados em pilécas, dando-se ares de comandantes, e, atraz, a eterna caricatura do rancheiro mexendo o seu caldeiro e do capelão lançando a sua benção com um chifre retorcido. Depois de Ajuda, Campo de Ourique excitou-se e poz em pé um regimento maior. Allama parodiou logo a marinha e tudo isto desfilava na Avenida, em ares quasi so-

lenes, nas suas fardas picarescas, em graves atitudes e ao som de cornetas. O lisboeta amava essa imitação grotesca. Entretinha-se durante o ano a aguardar o dia de se exhibir assim.

De repente, tudo mudou. Com a facil victoria da republica, toda a gente quiz pertencer aos centros que se formavam sob a égide dos vencedores. Ao começo, logo na primeira semana do triunfo, o exercito, como se fosse transformado no batalhão da Ajuda, foi desfilar nas salas do directorio e logo diante da campa dos regicidas. A maçonaria registou mil iniciações. Eram quasi todas de empregados publicos. Formavam-se as agremiações partidarias e os soldados carnavalescos deixavam os seus gestos antigos, os amadores dramaticos largavam a ribalta e filiavam-se, entendiam-se com os revolucionarios, suggestionavam-se como no palco e na fileira, outr'ora, imitando tiranos e galuchos. Toda a gente evocava: quando foi do ataque á Rotunda, ó coisa, lembras-te? Ou, então: e aquele froteio a bordo do D. Carlos, ó menino, se não me abaixo!...

Machado Santos contou-me que se todos os rofundistas lá tivessem estado, não caberiam. Era assim que ele, paradoxal e trocista, dizia. José Carlos da Maia, garantia-me que se todos os réclamados atacantes do D. Carlos fossem alem de uma imaginação interesseira, o rebocador que conduzira só algumas dezenas de populares, ter-se-hia afundado.

Dentro em pouco os soldados dos batalhões carnavalescos estavam nos que se formavam, a serio, com armamento, sob a vista da republica, e com a protecção do governo. Houve o batalhão de Alcantara, das Amoreiras, da Graça, e exercitou-se no manejo das armas. Ao domingo havia exercicio de espingarda; nos clubs distribuiam-se pistolas. O porte de arma tornou-se um privilegio de bons republicanos. Emquanto os vereadores da Camara Municipal não teem o direito de usar um revolver, a policia distribue-os aos que a auxiliam na descoberta dos supostos *complots*.

Deste modo, o lisboeta começou a andar armado como se estivesse nos pampas. Usaram-se cintos com o coldre das pistolas, como num tempo de guerra e, pelas mesas dos cafés, discutia-se o valor das armas, seu calibre, sua maior ou menor acção. Vendiam-se revolveres na melhor paz do mundo. Experimentavam-se, de noite, em pleno Rocio.

Como se começaram a dar casos de roubos á mão armada, aí por essas ruas, augmentou a numero de cidadãos que decidiu defender-se. O lisboeta teve a sua pistola, como seu pae possuira o seu guarda chuva. Entrava num centro politico — toda a gente se arregimentou conforme as probabilidades do exito, seu palpite, seu interesse — e logo se interrogava o neofito ácerca da marca da sua arma. Era quasi obrigado a possuil-a como a um garoto que vai para a escola se exige uma ardosia.

As sucessivas revoluções foram deixando mais armas nas mãos dos cidadãos. A justiça, tambem foi deixando em liberdade quem as usava.

Dar dois tiros, equivalia largar dois espirros. Os juizes examinavam as licenças de porte de arma e os bilhetes de identidade dos criminosos. Tinham chancelas de agremiações politicas. Matava-se por ciume, por odio, por um movimento impulsivo, mas attribuia-se tudo á politica; o assassino era ou absolvido ou recebia apenas uma leve pena. Perdeu-se o medo ao manejo da pistola e á lei.

Agora, qualquer individuo puxa da sua arma, como da sua cigareira e aponta-a como acende o cigarro, entra no calabouço, dizendo-se uma vitima e saí titulando-se um heroi. Mostram-se a dedo individuos suspeitos que entram nos cafés, nos electricos, nos teatros e dos quaes se diz:

— Olha aquele já matou tres homens . . . Olha o que ali vem já matou duas mulheres . . .

Tendo-se tornado isto tão frequente como encontrar gente condecorada, o lisboeta, deixando as suas velhas preferencias, habituou-se á bala e á roseta. A facilidade com que se tentá contra a vida alheia, largamente se demonstra ao folhear os jornaes dos ultimos anos e a subida dessa onda constata-se com esta passagem dos crimes dos logares suspeitos para as proprias repartições publicas onde, ha dias, um terceiro official matou o chefe.

Antigamente respondia-se com dois murros, fóra do recinto do trabalho, e isso já constituia um atentado; hoje o ponto final de uma que-rela é uma bala assassina.

Os tempos mudaram; os que ficaram fieis ao passado não teem *chic*, estão patinados de velhice, rebolam-se no comico, numa sociedade que já devora o tragico e o pão de cimento armado, sem a menor repulsa.

A vida politica de dois Costas

**Do cabralismo ao alonsismo — Onde se evoca
um ministro feliz — Como acabou Costa Cabral
— As idéas do sr. Alonso Costa — A sua volta
à politica — O que será o seu fim?**

Antonio Bernardo da Costa Cabral, que foi marquês de Tomar, diziam os inimigos, que o pertencente aos outros—o que não asseguro—foi homem de pulso e energia e, para o momento, a parte da sua vida que me interessa é a da sua queda do poder em 1846.

Governava contra a vontade da nação. Rude e rijo beirão de Algodres levava tudo diante de si e á sua volta, os apaniguados endeusavam-no num fetichismo em que ele acreditava. Tinha a sêde do poder e queria-o, amava-o como um molosso das serranias gosta das migas no leite restante da feitura dos requeijões.

O norte levantou-se em som de guerra; subiram as canções patrióticas e ele, teimosamente agarrado ao seu logar, imaginando-se o único português, capaz de governar, lançava os seus partidarios contra os da Junta e ia acabar num dourado exilio.

A maioria não o tolerava mas os seus parciais aclamavam-no como ao primeiro estadista do seu tempo, enalteciam-no, esperavam milagres do seu talento, uns, mas a maioria aguardava empregos, mergulhada na corrupção que ele creára.

Mantivera-se no poder, tivera ministros, mais subalternos do que colegas e, tripudiando, sendo um tirano, arrastando comsigo as facções, acabára vencido e para não continuar perturbando a paz do reino, mandaram-no para Madrid, na qualidade de ministro plenipotenciario, à espera da desejada acalmia.

Os começos daquele homem tinham sido simples; viéra prégar jacobinismos, como sua loquela de advogado, após um estadio de soldado nas fileiras liberais. Não se quedou como os do Mindelo—seus companheiros—numa espartilhada opposição, não delirou romantismos, como os Passos, traçou uma linha e seguiu-a. Entrou, no Club dos Camilos, a pedir a cabeça da rainha e saíu para o poder. Aberta uma ferida na liberdade aconselhava a revolta; chegado ao mando mandou fusilar os revoltados no Rocio. Tornou-se temido e odiado mas ainda possuia fanaticos que ao verem-no distante, esperavam a sua vinda e atacavam os adversarios. Durou anos a luta dos cabralistas com os patuleias. Aqueles eram

caceteiros de desenfreados apetites, estes eram valentes querendo os combates românticos em que a liberdade fosse cantada como uma mulher querida. O hino dos móqueadores retumbou nas costelas; o dos espancados consubstanciava-se na *Maria da Fonte* que um italiano musicára e tinha o esplendor dum sol levantando-se pela madrugada sobre as frescas veigas minhotas.

No dia em que Costa Cabral saiu de Portugal acreditou-se na sua ausencia perpetua. Aquele politico estava rico, possuia grandes propriedades e muito ouro. Enquanto os Passos continuavam na sua mediania de sempre, ele pompeava magnificencias, elevára-se, ganhára aspectos de grande senhor, esquecido das velhas aspirações. Atirava para o olvido as suas arrastantes frases de libertador com desdem igual ao usado para com os botins velhos.

De Madrid continuou a entender-se, secretamente, com os do poder. Continuava a julgar-se o homem indispensavel, o ser de eleição, aquele sem o qual o país não poderia passar. Deviam acudir-lhe grandes medos ao recordar-se da sorte de Agostinho José Freire que não atraíra os odios sobre ele com tanta furia como acontecera comsigo. Certamente, tambem pensaria, que Pombal fôra um autentico tirano que mandára gente ao patibulo e enchera os carceres e, todavia, morrera no seu leito ouvindo as dôces palavras dos seus e tratado a fezes de ouro — o seu suor devia tambem tê-las — pelo expedito cirurgião Quaglia.

Um dia, Costa Cabral foi, novamente, chamado ao poder. Entrou como um salvador. Os seus amigos deliravam; houve festas em certas ruas e luto noutras. Dentro em pouco atacavam-no ferozmente, primeiro no parlamento, depois na rua. A sedição militar de 1851, chefiada por Saldanha, liquidou-lhe as ambições. O cabralismo finára-se, e, ele partiu mais uma vez para o estrangeiro. Sem isso não se aplacariam as cole-ras e talvez não tivesse acabado, no seu palacio entre as alegrias de ser avô e achando, saudosamente, que a *Maria da Fonte*, tocada pelas suas netinhas era um hino muito bonito.

Afonso Augusto da Costa, que foi arbitro da vida portugêsa, nado duque em Ceia, da qual poderá ser se a republica restabelecer os titulos, depois de tanto jantar á custa do país, tambem pediu no parlamento cabeças reais e falou de liberdades com a voz afogada pela laringite, que os seus fanaticos titulavam de comoção, de desesperados anseios pela sorte da patria.

Para ele só existia a sua vontade mas como um actor popular que tudo faz a fim de agradar á sua platêa ordinaria, que inventa as frases mais ôcas para caírem em seus ouvidos como rufos e ensaia as carantonhas que melhor quadram á sensibilidade dos seus admiradores, o chefe da demagogia julgava mandar mas no fim era um arrastado pelas vontades do baixo povo.

A prova de que não pensava cousa alguma do que praticava e apenas pretendia lisongear a rua, estava na mais audaciosa das suas leis e nas suas frases; a separação da igreja do Estado e a promessa de liquidar o catolicismo em três gerações. O politico tinha a casa cheia de santos desde as oleografias mais banais em que corações de virgens sangravam sob as sete espadas, das sete dôres, até á doce miniatura da Rainha Santa.

Esta amostra dum palrador comicieiro com umas idéas para o populacho e procedimento antagonico para o seu lar, afixa aos olhos dos individuos inteligentes a personalidade do estadista cujos fanaticos titulavam o «maior do mundo».

O seu poder era enorme, as suas frases tinham insolencia; ameaçava os inimigos com um chicote de nove rabos, cuspia-lhes desdens, entrincheirava-se por detrás das tropas e lançava para o campo da guerra a melhor mocidade portugêsa, arruinava o país, tornava a vida horriovel, e, escabelado protector das plutocracias, chegou a juntar larga fortuna, a encher as algibeiras de seus parentes sendo mais do que todos os estadistas do passado porque, em plena epoca de reivindicações sociais, entregava amarrado aos deuses do milhão um povo de trabalhadores.

Um dia, porem, um punhado de soldados, sem hinos novos mas num arranco de quebrarem esse latego vibrante e ameaçador, num momento de libertação e de fé, revoltou-se e menos audacioso do que Costa Cabral — soldado de D. Pedro que vira o fogo — o homem que enchera os carceres, os porões dos navios, as fortalezas, que ameaçara os humildes e os grandes, os valentes e até Deus, foi apanhado, trémulo e perturbado, no elevador dum hotel e d'ali conduzido para uma prisão. Afastou-se da vida publica; parecia uma divindade ofendida. Partiu para o estrangeiro quando a imprevidencia do vencedor o deixou à solta e começou a zargunchar aqueles que o tinham abandonado na hora das suas dôres. E, todavia, os seus fanaticos existiam de novo, vibravam, chamavam-no, queriam-lhe e, de pistola em punho, aclamaram o seu nome quando se restabeleceu o governo dos assaltos e dos crimes, após a morte violenta do libertador.

Ele deixara o inimigo em paz. Mandava-se-lhe dar tiros. Morrera assim. Entretanto, de Paris, fingindo o seu amúo, o senhor Afonso Costa, como outrora Costa Cabral de Madrid, mandava. Tinha os subalternos ás suas ordens e não esperava voltar.

Recordava-se da sorte de outros que menos odios tinham acumulado e, todavia, acabaram no meio da chacina.

Já não gosava da segurança que fossem os seus partidarios os unicos capazes de levar a cabo tais infamias. Os que ultimamente tinham agido e assassinado, eram excrescencias da sua velha facção de bombistas e caceteiros. Mandava de longe; era melhor. Quiz um presidente de sua chancellia e obteve-o. Mais do que Costa Cabral, mais de que Pombal!

Os seus chamam-no, acham-no indispensavel, preciso, unico e ele — como outrora o conde de Tomar — acede a vir. A vida nacional vae agitar-se, vae perturbar-se, uma revolução succeder-se-ha sem a espada de Saldanha para poupar os vencidos.

O politico portugêes de tipo do velho chefe cabralista, fará melhor em tornar-se esquecido e recordar lá longe as suas horas de poderio aprendendo a gosar as delicias de ser avô.

Cousas a fixar sobre a explosão no Porto

A bomba inicial — Dos engenhos do Rebordão ao explosivo quotidiano — Os incitadores e as vítimas — O bilhete de beneficio e as mutilações — Conclusões aproveitáveis

De quando em quando, sôa o ruido de uma explosão e o país continúa calmo. Nem os cães ladram mais alto. Quando aí por 1907, num casebre misero da rua de Santo Antonio á Estrela, os irmãos Rebordão e o professor Bettencourt, amadores desse genero de trabalhos, deixaram deflagrar a sua dinamite, Lisboa estremeceu mais por ter conhecimento do ruidoso petardear do que, propriamente, por o ouvir.

E' que nessa epoca ainda se amavam as operetas ingenuas e só os homens de cincoenta anos se lembravam de ter visto uma revolução, o 19 de maio: a ultima careta de Saldanha.

A dinamite era uma cousa que fazia subir á guilhotina, em França, aqueles que a arremeçavam; tornara-se o mau baptismo de fogo de uma ideia — o anarquismo — e na alma doce dos portuguezes de então, sacrificada, mas longe das torturantes agonias presentes — aquella nova formula do bem comum, imposta com metralha, não penetrava senão como uma bala a ferir e não como um balsamo a consolar.

Os dois irmãos, um caldeireiro, o outro marujo e o explicador, eram anarquistas e trabalhavam por conta dos republicanos. Tão apressados estavam para entregarem a tarefa para a revolução a estalar em breve — como lhes tinham afirmado — que nem se detiveram a esperar o Alcochetano e Carlos Antunes, mestres na soldagem dos engenhos, e daí aquele acidente que os inutilisou como já varios obreiros do genero, teem ficado mutilados ou mortos.

Não sei o que é feito desses servidores dos dirigentes de hoje; se-gui, porém, as suas existencias até onde foi possível, por uma curiosidade de cronista soube das suas más horas e do desprezo a que os votaram. Em cima da minha mesa está o depoimento de um operario a respeito dos fabricantes de bombas, para serem entregues á Carbonaria para serem lançadas contra os defensores de João Franco.

«Depois do Rebordão e do Bettencourt terem sido absolvidos no tribunal da Boa Hora, tentamos auxiliar o primeiro, pondo-lhe uma casa de negocio, na Avenida das Côrtes.

«Como se sabe, o Rebordão, quando foi da explosão da bomba,

ficou sem uma das mãos, sem um olho e com o peito golpeado, em consequencia da serie de ferimentos que recebeu na mesma occasião. Ora, um homem nestas circumstancias, era merecedor de toda a protecção de parte daqueles que ansiavam pela implantação do regimen republicano.

Demais, portou-se com bastante firmeza nos interrogatorios inquisitoriaes a que foi submetido pelos juizes da Parreirinha.»

Por toda aquella necessidade, e porque se calara, não denunciando as altas figuras que lhe encomendavam as bombas, deliberara promover um beneficio no teatro Apolo, afim de o socorrerem.

O operario continua o seu elucidativo relatorio:

«Quando foi da passagem dos bilhetes, não imagina, o meu amigo, as desilusões que tivemos. Houve individuos, com responsabilidades e obrigação moral de nos ajudar, que devolveram os seus bilhetes. O dr. Afonso Costa disse-nos que não podia ficar com nenhum bilhete, porque tinha que partir brevemente para a Suissa. O conhecido comerciante de Braço de Prata, Antonio da Silva — este era o que rotulava as garrafas de pessimo Porto com os retratos dos caudilhos — recusou-se tambem a aceitar um bilhete, por ter que se ausentar de Lisboa, no dia em que tinha logar o beneficio. Muitos outros conhecidos republicanos procederam de igual modo, pretextando varias desculpas, parvas e ridiculas, quando, finalmente, o nosso objectivo era angariar dinheiro, sendo-nos, por isso, indifferente que fossem ou não ao teatro. **DEMAIS, ESSES INDIVIDUOS PODIAM AUXILIAR-NOS E ALGUNS DELES DEVIAM A PROPRIA LIBERDADE, QUE GOSAVAM, Á ENERGIA DAS VITIMAS DA EXPLOÇÃO.**»

Eis mais um caso a incluir naquele a que costume chamar «os que lançam a bomba e os que a bomba lança.» Personalidades de grande envergadura, figuras primaciaes do partido republicano estavam comprometidas nesse fabrico activo de bombas. Elas iam para a loja *Obreiros do Futuro*, e o senhor Antonio Maria da Silva, em virtude da sua ligação com as personagens de quem se tratava, decerto teve algumas, em suas mãos, não digo — s. ex.^a — mesmo antes da categoria excelentissima — era prudente — mas ás suas ordens para a distribuição. Nenhum desses homens esfacelados, perdidos, sem futuro, maltratados nas esquadras de policia, revelou o menor nome, deixou passar das suas bocas febris o mais leve indicio para o rasto dos seus cúmplices. Um estava sem um olho, os outros crivados de cicatrizes e nenhum tinha pão, pois nem uma só queixa partiu de seus labios gretados. Sofreram o desprezo com a resignação de quem esperava do futuro. O operario revela como eles eram socorridos:

«Com respeito á subscrição, cujo producto revertia a favor do *Rebordão e Bettencurt*, devo declarar-lhe que a mesma não rendia mais que uns cinco ou seis escudos por semana, sendo com esse dinheiro que eles se sustentaram durante os seis mezes que estiveram no Limoeiro. Os quotisantes dessa subscrição, á excepção duns quatro ou cinco republicanos, que contribuiam semanalmente com uns 90 centavos, de resto, todos os outros subscriptores, eram rapazes de ideias avancadas.»

Os republicanos, os que aproveitavam directamente com o ataque á ditadura, aqueles que mandavam fazer a obra, da qual safu a inutilisação dos obreiros, davam 9 tostões por semana ás suas victimas!

Isso, porém, não impediu que outros — e um deles que foi mais tarde

senador — procurassem arrastar os cúmplices dos inutilizados a novo fabrico, juntando-se, por sinal, com eles, num estabelecimento bem chic da Rua do Ouro. (*)

Não é, porém, meu proposito de momento, revelar o que então se passou. Apenas quiz chamar a atenção dos que, á semelhança daqueles, seguem homens e por sua causa tudo sacrificam.

Sabemos o que isso é; conhecemos o desvairamento, a febre, a loucura, a paixão dos politicos do povo, dessa sincera carne de revolta que julga com a sua vitoria realizar um sonho. Tambem não somos extranhos á captaçã exercida em torno desses apaixonados. Ha os que se movem sinceramente por um ideal; os que fazem tudo por simples exagero de valentia, os que trazem uma ansia de proveito. Estes não fabricam bombas nem pegam em armas, fabricam intrigas e pegam em algemas. Entram na policia; dão em bufos. Aqueles ou caem na miseria ou nos tableiros da morgue. Os que não aparecem á vista, de todos os fornecedores do dinheiro, do material, dos ingredientes, dos involucros chegam, como o actual chefe do governo, ao maximo a que uma imaginação delirante, a pedir impossiveis, se pode alçar.

A recordação daqueles homens que no Porto estavam dentro de um arsenal a augmentarem-no e que voaram, fez-me lembrar dos seus predecessores. Estes trabalhavam por conta do partido republicano contra a ditadura e sucedeu-lhes tudo quanto deixo narrado e apesar da mudança do regimen se ter efectivado naturalmente a republica não lhes ficou com o bilhete de beneficio.

Aqueles, metendo a sua metralha, num Centro Radical, naturalmente não estavam fazendo a sua tarefa a favor dos monarchicos. Levados por uma corrente republicana contra outra, os dinamistas do fabrico, seguiam as lições do passado. Para eles — segundo decerto as teorias dos seus chefes, porque o povo jamais actua por si, livremente, o sr. Antonio Maria da Silva estava na categoria de João Franco para o Rebordão. O dictador, porem, tinha a seu favor nunca ter feito bombas e apenas a lei de 13 de fevereiro pela qual se enviava para Timor quem propagava seu uso ou as empregava. Não succede o mesmo com o atual chefe do governo. Foi o grande professor dos dinamitistas.

Pois, apesar de tudo, dos bombistas de hoje verem a brilhante situação do seu colega de ha anos, é bom que se compenetrem do que lhes deixo apontado. O seu futuro é como o do Rebordão, como o do Bettencourt ou como o dos desgraçados embaídos que acabam no necroterio varejados pelos estilhaços dos explosivos que fazem cadaveres dos sinceros e presidentes do conselho dos cautelosos.

A explosão do Porto, à luz da experiencia, é mais uma edição dos trabalhos antigos com outro nome da qual sai mais gente mutilada á qual ninguem fica com bilhetes de beneficio.

(*) Ver João Franco e o seu Tempo em publicação no «A B C», onde se revela o bastidor desta encomenda de dinamite.

A comenda de Cristo e os cigarros

O budo das condecorações — Alarmes republicanos — Dos presentes de anos aos acasos — As veneras e os venerados — A comenda de Cristo e a reacção

Os proprios jornais republicanos exprimem a sua revolta ácerca da maneira porque se estão distribuindo as comendas. Ao que dizem, ha já tantos individuos condecorados que a grande distincção é não trazer na lapela a menor fitinha.

Ser comendador era outr'ora — quando a monarchia nos governava — uma cousa tão ridicula para os republicanos que, depois de se lhes ouvir o titulo, logo se lhes olhava para os joanetes. Camilo tornára grotesco o comendador. Pintara-o sempre como um vil homem de negocio ou como um traficante sem alma. Fazia comendadores dos degredados e dos ladrões de estrada; falavam como carreiros e cheiravam a suor azedo. Os inimigos das instituições exageravam ainda os seus maus feitios. E' que usar uma comenda era ser monarchico.

Tambem o primeiro decreto que a republica publicou a seguir ao do banimento da Familia Real foi o da extincção dos titulos e das comendas.

Ia entrar-se num regimen de rigidez e de espartanismo. Os grandes cidadãos não careciam de honrarias; bastar-lhes-tam as das suas consciencias dignificadoras. O *penduricalho* — era assim que designavam as comendas — ia sumir-se.

Teofilo Braga asseverou-me um dia que não tardaria em voltar. Eu cheguei a aconselhar um negociante de condecorações a que não emigrasse porque o negocio tornar-se-ia cem vezes mais rendoso, embora, grave e carrancudamente os cidadãos repelissem as placas, os lacinhos, as rosetas.

Um dia chegou em que a republica — enquanto não restabelecia os

titulos e os distribuia pelos seus homens — mandou reaparecer as medallas militares; depois as outras, por fim decretou, para o seu presidente, a banda das Trez Ordens, como usavam os reis, os tiranos.

Desde logo, o bôdo começou. Um presidente do conselho queria presentear um amigo e, como nesse tempo ganhavam pouco os chefes dos governos, e os objectos de arte estavam tão caros como os de ouro, punha-se a coçar na cabeça, ou na pera, a meditar, a espremer o bestunto, e perguntava numa aflicção sentida:

— Que diabo hei de dar a Fulano?

A esposa, de lado, muito preocupada, sentindo tormentos no orçamento domestico, lembrava pequenas cousas: bonecas de barro, castiçais de ferro fundido, Zés Povinhos das Caldas. Ele, acudia, num berro, satisfeito e feliz:

— Já sei... Dou-lhe o habito de S. Tiago?

— Que é isso ó Antonio... É como o de S. Francisco? Olha que parece mal numa republica separada dar-lhe cousa tão inteira...

— Cala-te... Isto sae em conta...

Deste modo começou a distribuição das comendas. Todos os amigos dos ministros as possuíam e as ostentavam. Os comendadores foram tantos como os vigaristas.

Um dia, certo ministro, bom rapaz, amigo de galardoar merecimentos, sabendo que Teofilo fazia anos e que os seus admiradores lhe iam prestar homenagem, dirigiu-se, pomposamente, a casa do mestre e quiz lançar-lhe ao pescoço a grã cruz de S. Tiago.

Com um sorriso sarcastico, que lhe fica bem, o agraciado, perguntou:

— Ó meu amigo, você julga-me capaz de vestir uma opa?

— Oh! mestre...

— Pois isso é a mesma cousa...

Assim o sentiu o presidente do governo provisorio. Os outros republicanos não pensam dessa maneira. Alguns até nos dizem ao ouvido:

— A minha é do tempo da monarchia...

Ha em Portugal creaturas — bemditas sejam elas — que trazem os peitos tão constelados como nunca general vencedor mostrou o seu — e quando passam nas ruas o povo, rindo, applica-lhes aquele criterio do almirante hespanhol diante dum desses mostruarios de Ordens e Habitos:

— Caramba! Que ha hecho usted que no lo reza a historia?!

Claro que não fizera cousa alguma digna de apreço e d'aí o marcaram-no por isso mesmo.

Quando um homem se apresenta com tantas lentejoulas, ou é palhaço ou exhibicionista. O cauteleiro fardado é um simbolo da vida nacional nesse ponto.

Daf vem o alarme dos jornaes republicanos ao verem as suas comendas regimentaes, tornarem-se tão sem valor como as notas emitidas pelos governos do seu crêdo e desejarem um limite a essa distribuição de veneras e ao regimen fiduciario. A grita tem sido enorme. Já se perguntou o que fizera Cicrano e Beltrano para recolher semelhante honraria, o que produzira para bem do país, quaes os seus serviços ás instituições.

Esta tremenda balburdia nasceu ao lêr-se, em todos os jornaes, a noticia de ter sido condecorado com a ordem de Cristo um honradissimo negociante de tabacos, cuja persistencia na filiação republicana vem das mais recuadas epocas da propaganda.

Ele com a sua teima e com a sua fidelidade deve ser considerado como um avô de todos esses que clamam agora, em nome dos principios só porque o senhor Antonio Maria da Silva lhe doôu a comenda de Cristo com a mesma graça usada por D. João VI — segundo a lenda — ao nomear um conde do seu real agrado.

— Mas o que fez fulano? O que fez ele? O que fez ele? interrogam em grande balburdia. Ninguem responde porque existe uma falta enorme de consciencia na maioria dos portugueses.

Para mim — livre dessas preocupações das comendas — sou capaz de justificar as razões porque se concedem tais graças.

Por exemplo, no caso presente, o honrado negociante de tabacos tem vendido *Almirantes, Marechais, Pachás, Santo Antonio, Santa Justa* cousas reaccionarias, como se vê, aos biliões e um homem que assim procedeu deve bem merecer duma república progressiva e liberal onde não cabem nem as altas patentes de resonancia antiga nem os santos.

O que os correligionarios não teem é imaginação nem vontade de o defender. Desde que sentiram tabaco começaram a espirrar como se tivessem tomado rapê.

